

Arquivo recebido em
02 de junho de 2015
e aprovado em 14 de
agosto de 2015.

V. 5 - N. 10 - 2015

* Professora do Departamento de Filosofia da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pós-doutora em Filosofia pela UFSCAR e Doutora em Filosofia pela *Université de Paris VIII*.
** Mestrando em Filosofia pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Teólogo pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (2011), licenciado em Filosofia pela Faculdade Católica de Anápolis (2014), possui graduação em Psicologia pela Universidade Federal do Espírito Santo (2002).

Natal da Ressurreição: a espiritualidade pascal em representações artísticas do nascimento de Jesus

Christmas of Resurrection: the paschal spirituality in artistic representations of Jesus' birth

*Claudia Murta**

*Jacir Silvio Sanson Junior***

Resumo

O artigo pretende justificar a expressão “Natal da ressurreição” mostrando, mediante três linhas de investigação, a presença essencial de elementos pascais no leque das representações artísticas natalinas. Observa textos bíblicos das celebrações do ciclo do Natal, analisa a preeminência do Tríduo Pascal no calendário litúrgico e debate a teologia retratada na obra de artistas sobre o nascimento de Jesus.

Palavras-chave: Natal; Páscoa; Ressurreição; Liturgia; Novo Testamento.

Abstract

The article intends to explain the term “Christmas of resurrection” showing, from three sights, the essential presence of Easter elements in the array of Christmas

representations. It observes biblical texts of Christmas cycle celebrations. Then it analyzes the preeminence of Easter Triduum in the liturgical calendar. Finally, it discusses the theology reflected in artworks about Jesus's birth.

Keywords: Christmas; Easter; Resurrection; Liturgy; New Testament.

Introdução

Todo constitutivo de uma celebração cristã é prerrogativa para expressar e, conseqüentemente, fazer perceber o mistério pascal em cada ato litúrgico realizado pela comunidade eclesial reunida na pessoa de Cristo Jesus (SARTORE; TRIACCA, 1992, p.781-787). Por isso a escolha por se redigir “Natal” e não “Páscoa da ressurreição” assume o propósito de realçar os traços que ligam, fundamentalmente, cada tempo litúrgico ao evento da ressurreição.

Independentemente de quaisquer intenções e circunstâncias, central e determinante na liturgia é o acolhimento, na fé, do Senhor vivo e presente entre nós (Mc 16,9-14; Jo 21,25). “Anunciamos, Senhor, a vossa morte e proclamamos a vossa ressurreição. Vinde, Senhor Jesus!” (MISSAL ROMANO, 1992, p.844).

Percorrendo três eixos de investigação, reuniremos evidências que tragam ao relevo a convicção por uma espiritualidade pascal difusa em toda a época do Natal. Numa breve incursão, constataremos a matriz pascal na aspensão do sangue martirial em celebrações adjuntas às bodas do nascimento “marginal” (MEIER, 2003) do Filho de Deus. Mais extensivamente, encontraremos no recorte de vários elementos artísticos um amplo apoio para continuar asseverando a mesma tese.

1. As celebrações no ciclo natalino

Em torno do Natal, está concentrada uma rica e entrelaçada rede de temas que compõem a estrutura do *ciclo natalino*. Há um acúmulo de festas e um enredo de referências litúrgicas: a começar pelo Advento,

passando pelo auge, o Natal (25 de dezembro), e alcançando enfim a Epifania (6 de janeiro). Nesse ínterim, estão situadas a solenidade de Santa Maria, Mãe de Deus (1º de janeiro), a festa da Sagrada Família, Jesus, Maria e José (domingo dentro da Oitava), bem como as memórias de santo Estevão (26 de dezembro), de são João Evangelista (27 de dezembro) e dos santos inocentes (28 de dezembro).

Todas essas celebrações servem de plataformas para um revigoração da espiritualidade pascal em meio às festas e memórias da oitava de Natal.

Estevão foi o primeiro mártir; sua morte, mais ainda, sua visão do céu aberto, é narrada nos Atos dos Apóstolos (At 6–7) em íntima alusão à ressurreição do Filho do Homem. João foi apóstolo: testemunha da encarnação (1Jo 1,1-4), sobretudo do túmulo vazio (Jo 20,2-8).

Mais identificada ao nascimento do Senhor, a celebração do martírio das crianças inocentes (Mt 2,13-18) lembra a matança dos meninos hebreus do Egito (Ex 1,8-16.22), palco onde ocorreu a passagem¹ (Páscoa) para a libertação.

E na solenidade mariana dentro do ciclo natalino, mediante a invocação de um título antiquíssimo, o hino da I Vésperas tem um foco preciso: “Um corpo humano assumindo, / eis que o Filho é nosso irmão: / vem libertar-nos da morte, / salvar os filhos de Adão” (LITURGIA DAS HORAS, 1994, p.428).

Seria insatisfatório resumir toda essa opulência de comemorações num “vamos cantar parabéns pra Jesus”. Já em santo Agostinho, distinguia-se até mesmo a Páscoa, celebrada “como um mistério” (*in sacramento*), do Natal e de todas as demais festas, celebradas como

1. Num sentido alegórico, a expressão *mistério pascal*, que no século II designava “a totalidade do plano salvador de Deus, prefigurado no AT e realizado em Cristo” (CANTALAMESSA, 2004, p.1351), vem com Orígenes interpretada como uma *passagem*. “Agostinho dá ao mistério pascal sua formulação definitiva procedendo a uma dupla síntese entre paixão e passagem de Cristo e do homem” (CANTALAMESSA, 2004, p.1351).

comemorações” (CANTALAMESSA, 2004, p.1351). A diferença é que o mistério não é uma mera recordação de um evento, mas sua acolhida (re)presentada² à fé.

Na missa da Vigília, onde se é proclamada a genealogia de Jesus conforme Mateus 1,1-25, pretende-se mostrar que o Natal não é o nascimento dele, senão a nova criação da humanidade no caráter absolutamente privilegiado da Encarnação: “se Jesus Cristo está na continuidade da raça de Abraão e de Davi, ele é ao mesmo tempo o começo absoluto de uma humanidade nova” (DANIÉLOU, 1969, p.10), principiada numa intervenção essencial de Deus na história.

Fortalecendo a coesão com a missa da Meia-Noite, de explícito paralelo com a vigília pascal (basta sondar os textos de Lc 2,1-14; Is 9,2-7 e Tt 2,11-14), “o II domingo do Natal celebra o nascimento de Jesus com o colorido pascal do *dia do Senhor*, e nesse sentido todos os textos [...] são um canto a Cristo, a Palavra eterna do Pai, que morou entre os homens” (MARTÍN, 2006, p.377).

2. Do pilar da fé à emergência de uma espiritualidade

Este segundo eixo de nossa pesquisa também nos coloca diante de outros argumentos que demonstram o espírito natalino embebido de influxos pascais. Se a verdade da ressurreição fundamenta a fé cristã numa viva tradição (1Cor 15,3-4), deve-se pensar na emergência de uma crescente espiritualidade pascal desde o alicerce inexorável da fé cristã (1Cor 15,14).

“Na teologia dos Padres da Igreja, o domingo é o dia em que Cristo ressuscitado está presente no meio dos discípulos como por ocasião das refeições que se seguiram à Páscoa” (GY, 2004b, p.579). A liturgia,

2. Assim como o sacramento da Eucaristia não é uma simples lembrança, mas um memorial: “um sacrifício porque *representa* (torna presente) o Sacrifício da Cruz, porque dele é *memorial* e porque *aplica seus frutos*” (CATECISMO..., 1999, §1366), a ponto de serem, sacrifício de Cristo e sacrifício da Eucaristia, “*um único sacrifício*” (CATECISMO..., 1999, §1367).

como não poderia ser diferente no Natal ou em qualquer outro ciclo, insiste no tema da ressurreição tanto quanto pela Eucaristia se proclama, segundo a Dogmática católica, a morte do Senhor e o memorial de sua paixão. Sempre há Páscoa onde há Eucaristia, conforme estas palavras de Urbano IV (1261-1264 d.C.):

De fato, as outras coisas de que fazemos memória, nós as abraçamos com o espírito e com a mente, mas não conseguimos com isto a sua real presença. Ao invés, nesta sacramental comemoração do Cristo, está presente conosco Jesus Cristo, ainda que sob outra forma, mas em sua própria substância (apud DENZINGER; HÜNERMANN, 2007, #846).

Não julgamos ser um excedente a recapitulação da *sequência cronológica* de algumas comemorações litúrgicas no calendário cristão. Havendo probabilidade de ter existido já antes do édito de Milão (313 d.C.), “o Natal era certamente celebrado em 336 em Roma” (GY, 2004a, p.139); a Epifania (abarcando adoração dos magos, batismo de Jesus e bodas de Caná), um pouco antes, no Oriente do século III; já a Páscoa, desde os séculos I e II, onde se situa a querela sobre a data, durante o pontificado de Vítor (189-200).³

Haja vista que o Natal, no século IV, recebia ainda suas primeiras formulações litúrgicas, nesse período a celebração da morte e ressurreição de Cristo já alcançava o desenvolvimento de um tríduo da quinta-feira santa até a Páscoa.⁴

3. “As Igrejas asiáticas festejavam a Páscoa cristã no mesmo dia que a judaica, portanto no 14º dia do mês de nisã, fosse qual fosse o dia da semana: donde a denominação de quartodecimanos. As outras Igrejas, ao contrário, festejavam a Páscoa (ou vieram a festejar) no domingo depois do 14 de nisã, estabelecendo, pois, certa coerência entre a celebração semanal do domingo e a celebração anual da festa cristã da Páscoa” (GY, 2004a, p.138).

4. “No s. II, ao mais tardar, se conheceu uma vigília pascal, preparada por um jejum, que celebrava a um tempo a morte e a ressurreição de Cristo. Desde o fim do s. II, celebra-se a cinquentena pascal (*pentekosté*), tempo de festa que tem o aleluia por cântico e que torna a alegria escatológica presente no tempo da Igreja. É somente no s. IV que vai desenvolver-se a liturgia do tríduo pascal [...] e que o quinquagésimo dia do tempo pascal será festejado como o dia da efusão do Espírito Santo, e o quadragésimo dia como o da Ascensão” (GY, 2004a, p.138).

Essa proeminência do mistério pascal que celebra, indissociavelmente, a morte e ressurreição de Cristo⁵, é explícita numa rara e excepcional peça do século VI, atualmente alojada no primeiro piso do Museu Arcebispal de Ravena: o *calendário pascal* dos anos 532 a 626 d.C., inscrito numa laje de mármore, com todos os seus 19 segmentos rajados de uma única cruz, qual centro místico do cosmo e base para o seccionamento cronológico do tempo (fig. 1).⁶



Fig. 1

Enquanto o ciclo natural do desenvolvimento tem seu início nos primórdios do nascimento e seu termo na morte, os mistérios cristãos se estruturaram ritualmente de modo inverso: começam pela morte/ressurreição, passam pela vida pública e chegam, por fim, às narrativas da infância. O Natal é o exórdio da salvação, não o seu cumprimento: que só

5. “Na época mais antiga, em que a noção de Páscoa evoca sobretudo a paixão, ela [a expressão “mistério pascal”] remete principalmente à imolação de Cristo (1Cor 5,7), mas também à tensão entre morte e ressurreição, entre abaixamento e exaltação, já que a morte de Cristo é celebrada, na linha direta da teologia joanina, como a obra de sua glorificação e como ‘a morte de onde vem a vida’” (CANTALAMESSA, 2004, p.1351).

6. Disponível em: <<http://www.flickrriver.com/photos/patriziagorzaneli/2176259048/>>. Acesso em: 17 dez. 2013. As figs. 1, 5, 6, 7, 8, 9.1 e 10.1 foram obtidas mediante o buscador “Google Imagens”.

acontece na Páscoa.⁷

O fato de a liturgia se constituir numa ordem inversa ao plano de crescimento natural do homem Jesus é muito eloquente para tornar aceitável esta regra de teologia bíblica, assim expressa por Joseph Ratzinger (2012, p.35. Tradução livre):

Do conjunto da figura de Jesus Cristo se projetava uma luz sobre este acontecimento [o nascimento virginal]; inversamente, a partir do acontecimento se entendia mais profundamente a lógica do mistério de Deus. O mistério do começo iluminava o que seguia e, inversamente, a fé em Cristo já desenvolvida ajudava a compreender o início, sua densidade de significado. Assim se desenvolveu a Cristologia.⁸

O Natal, como hoje se admite, é a cristianização de uma festa pagã. “É possível que a data tenha sido escolhida, nos dias do solstício de inverno, para fazer oposição à celebração pagã, nesse mesmo dia, do nascimento do deus Sol (o Sol invencível, *sol invictus*)” (GY, 2004a, p.139). É bem nítido que nesse processo os cristãos tenham se aproveitado do importante simbolismo da luz.⁹

7. “Para os cristãos, o dia mais importante era o da morte, que assinalava a passagem para a vida eterna. Orígenes (c. 185-253), no *Leviticum*, homilia VIII, confirmava que a memória do dia natal, início da vida terrena, não era uma prática de homens santos: “Sancti vero non solum non agunt festivitatem in die natalis sui, sed et Spiritus sancto repleti exsecrantur hunc diem [Os santos não só não festejam o seu dia natal, como, cheios de Espírito santo, amaldiçoam esse dia]” (Orígenes 1857, 495)” (ROQUE, 2013, p.104-105).

8. “Del conjunto de la figura de Jesucristo se proyectaba una luz sobre este acontecimiento; inversamente, a partir del acontecimiento se entendía más profundamente la lógica del misterio de Dios. El misterio del comienzo iluminaba lo que seguía y, al revés, la fe en Cristo ya desarrollada ayudaba a comprender el inicio, su densidad de significado. Así se ha desarrollado la cristología”.

9. “Um dos pontos de partida para a associação da luz ao cristianismo é enunciado por São João: “N’Ele estava a Vida e a Vida era a luz dos homens” (Jo 1,4). Esta triangulação entre Cristo, a luz e a vida é confirmada pelo próprio discurso cristológico: “Eu sou a Luz do mundo. Quem me segue não andarás nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12). A correspondência entre o cristianismo e os cultos solares pagãos poderia fundamentar a assimilação das festas pagãs no calendário litúrgico e, nomeadamente, na celebração do Natal. Por outro lado, a dificuldade em erradicar a tradição das festas pagãs justifica a estratégia de as cristianizar, transformando, neste caso, o *Natalis solis in Natalis Christi*” (ROQUE, 2013, p.106).

Essa metáfora, tão estimada por vários expoentes da pintura renascentista que retrataram o contexto natalino, é na verdade uma ampliação (retrocessiva) daquela estabelecida pela mistagogia batismal e pascalina há mais de 250 anos. O elemento *luz* é o nexos de significação da morte e renascimento batismais com a páscoa da ressurreição.

“Segundo o apóstolo S. Paulo, pelo Batismo o crente comunga na morte de Cristo; é sepultado e ressuscita com Ele” (CATECISMO..., 1999, §1227)¹⁰. De acordo com o entendimento de são Justino, em explícita ressonância com o epistolário do Novo Testamento¹¹ e outrora endossado no comentário de são Gregório Nazianzeno¹², “este banho é chamado *iluminação*, porque aqueles que recebem este ensinamento [catequético] têm o espírito iluminado...” (apud CATECISMO..., 1999, §1216).

3. Simbologia artística e literária

O efeito de luz é realçado no tema do italiano sienense Giovanni di Paolo (1403-1482) (fig. 2), do holandês radicado em Roma, Gerard van Honthorst (1592-1656) (fig. 3), e de El Greco (1541-1614), que se estabeleceu na Espanha (fig. 4)¹³. Se pudéssemos abstrair o menino Deus da cena do presépio para implantá-lo no túmulo do rochedo (Mt 27,60), essas artes seriam eminentes no intento de decifrar o segredo daquele acontecimento selado irremediavelmente pela pedra (Mt 27,28).

10. “Não sabeis que todos nós fomos batizados, consagrando-nos ao Messias Jesus, submergimos em sua morte? Pelo batismo nos sepultamos com ele na morte, para vivermos uma vida nova, assim como Cristo ressuscitou da morte pela ação gloriosa do Pai. Pois se fomos enxertados por uma morte como a sua, o mesmo acontecerá por sua ressurreição” (Rm 6,3-5).

11. “Recordai os primeiros dias, quando, recém-iluminados, suportastes o duro combate dos sofrimentos” (Hb 10,32); “Sois todos cidadãos da luz e do dia; não pertencemos à noite nem às trevas” (1Ts 5,5); “Pois, se no passado fostes trevas, agora pelo Senhor sois luz: comportai-vos como filhos da luz” (Ef 5,8).

12. “O Batismo é o mais belo e o mais magnífico dom de Deus. (...) Chamamo-lo de dom, graça, unção, iluminação, veste de incorruptibilidade, banho de regeneração, selo, e tudo o que existe de mais precioso. [...] *iluminação*, porque é luz resplandecente [...]” (apud CATECISMO..., 1999, §1216).

13. As figs. 2, 3, 4 e de 11 a 22 possuem a mesma URL. Disponível em: <http://casa.abril.com.br/materia/natal-nascimento-de-jesus-pinturas>. Acesso em: 27 dez. 2013.

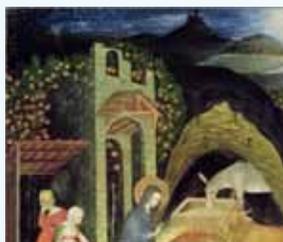


Fig. 2



Fig. 3



Fig. 4

Na arte paleocristã da Roma subterrânea, há representações que, reportadas à epifania ou mesmo à anunciação, deliberam pelo simbolismo da luz pascal transposto à cena do nascimento. Isso se desdobra num aspecto de *majestade e realeza* simbolizado em imagens onde Maria, figurando com o menino, está sentada ao trono, como nas catacumbas dos santos Marcelino e Pedro (fig. 5)¹⁴ e de Priscila (fig. 6).¹⁵



Fig. 5

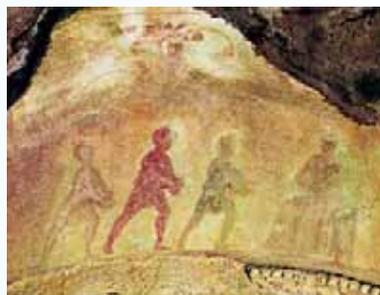


Fig. 6

Na catacumba de Comodila, há um afresco da Virgem com a criança ao colo e vestindo uma indumentária dourada (fig. 7)¹⁶. Essa cor exprime geralmente a dignidade divina; mas não se hesita conceder à mais antiga representação de Maria, em estilo pompeiano primitivo e gravada em um nicho da catacumba de Priscila (fig. 8)¹⁷, o protagonismo referen-

14. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:Wilpert_060.jpg>. Acesso em: 20 dez. 2013.

15. Disponível em: <http://www.30giorni.it/articoli_id_16201_l6.htm>. Acesso em: 20 dez. 2013.

16. Disponível em: <<http://khristianos.blogspot.com.br/2011/11/arte-dos-primeiros-crstaos.html>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

17. Disponível em: <<http://www.catacombepiscilla.com>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

te ao oráculo de Balaão: “Eu o vejo, mas não é agora; eu o contemplo, mas não será logo. Avança a constelação de Jacó e sobe o cetro de Israel” (Nm 24,17). O cetro, símbolo tradicional da realeza, é substituído por “homem” na interpretação messiânica da versão grega (TEB, 1997, p.245, nota “f”). “No Oriente, a *estrela* era o sinal dos deuses e dos reis (Mt 2,2)” (TEB, 1997, p.245, nota “e”).



Fig. 7



Fig. 8

Sabemos que os Evangelhos da infância trabalham na tentativa de consolidar a linhagem real de Jesus (Mt 1,6; 2,2; Lc 1,32-33); o dado é, porém, sistematicamente desconstruído: no julgamento de Pilatos (Mt 27,11; Lc 23,2-3), com o desprezo dos soldados ao momento dos flagelos (Mt 27,29-30; Lc 23,36-37) e pela condecoração¹⁸ da cruz (Mt 27,37; Lc 23,38).

Outra forte conexão exegético-teológica entre Ressurreição e Encarnação é explorada numa coordenada quase geográfica: os relatos situam ambos os eventos na *periferia*, como destaca Ratzinger (2012, p.42-43. Tradução livre):

18. Retomado pelo evangelista João, o título de “Rei”, que Jesus nunca aplicou a si mesmo (Jo 1,49; 6,15), vem despido da ambiguidade política em diálogos próprios (Jo 18,33-38; 19,12-16.19-22). É somente a Paixão que, paradoxal e explicitamente, talha o sentido arcano da majestade de Jesus (Jo 19,25-27), sepultado, aliás, num jardim (Jo 19,41-42), o que também sugere realeza.

[...] não havia lugar para eles na pousada [cf. Lc 2,7]. A meditação na fé dessas palavras encontrou nessa afirmação um paralelismo interior com a palavra, rica de profundo conteúdo, do Prólogo de São João: “Veio a sua casa e os seus não o receberam” (Jo 1,11). [...] O que foi crucificado fora das portas da cidade (cf. Hb 13,12) nasceu fora de suas muralhas.¹⁹

O restauro de um equívoco terminológico ajuda a compreender uma contundente aproximação entre Paixão e Nascimento. A palavra “hospedaria”, que por vezes²⁰ traduz o grego κατάλυμα/*katáluma* em Lc 2,7 (RIENECKER; ROGERS, 1995, p.106), é melhor aplicada ao contexto da parábola do bom samaritano (Lc 10,34), por ter levado o homem ferido a uma πανδοχείον/*pandocheion* (RIENECKER; ROGERS, 1995, p.127): “pensão”.²¹

O termo não atrai dúvidas para sua autenticidade, pois é omitido somente numa tradução siríaca antiga (ALAND, 1995, p.11), o fragmento sinaítico *sir*^s do quarto século. Uma *katáluma* deve ser entendida como um ambiente bem menos acolhedor: um presépio²², uma estalagem; na melhor das hipóteses, um alojamento, “albergue” (KONINGS, 2005, p.10) ou “sala de hóspedes” (TEB, 1997, p.1971-1972, nota “w”), similar à que comportaria Jesus na última ceia (Lc 22,11).

Assim como o *local* indicado por Lucas para o nascimento de Jesus preanuncia o momento da paixão, em Mateus isso está sugerido nos

19. “[...] no había sitio para ellos en la posada. La meditación en la fe de estas palabras ha encontrado en esta afirmación un paralelismo interior con la palabra, rica de hondo contenido, del *Prólogo de san Juan*: ‘Vino a su casa y los suyos no lo recibieron’ (Jn1,11). Para el Salvador del mundo, para aquel en vista del cual todo fue creado (cf. *Col* 1,16), no hay sitio. ‘Las zorras tienen madrigueras y los pájaros nidos, pero el Hijo del hombre no tiene dónde reclinar la cabeza’ (*Mt* 8,20). El que fue crucificado fuera de las puertas de la ciudad (cf. *Hb*13,12) nació también fuera de sus murallas”.

20. Isso se verifica em algumas versões, como na tradução da CNBB e na de João Ferreira de Almeida (2.ed.), incluída no *Novo Testamento interlinear grego-português*.

21. A exemplo da *Nova Tradução na Linguagem de Hoje* (NTLH), incluída no *Novo Testamento interlinear grego-português*.

22. “O presépio, manjedoura de animais, estava colocado certamente numa parede do pobre alojamento, tão superlotado, que não se pôde encontrar lugar melhor que este para deitar a criança” (BÍBLIA DE JERUSALÉM, 2006, p.1790, nota “b”).

presentes oferecidos pelos magos: *ouro, incenso e mirra* (Mt 2,11) representam, respectivamente, o rei escarnecido (Mt 27,29), a figura sacerdotal do filho de Deus crucificado (Mt 27,54) e o seu corpo moribundo sepultado (Mt 28,1).

Ratzinger (2012, p.43) analisa que a tradição do nascimento de Jesus numa gruta, não tendo assento no texto evangélico, remonta a Justino mártir, século II; foi perpetuada por Orígenes, no século III. Essa leitura patrística não é casual, pois no entorno a Belém as grutas serviam de estábulos. E foi justamente da imagem de uma estrebaria, onde o alimento é posto aos animais, que santo Agostinho interpretou um rico significado: *a manjedoura como altar* (RATZINGER, 2012, p.44. Tradução livre).²³

[...] agora jaz no presépio quem se indicou a si mesmo como o verdadeiro pão descido do céu, como verdadeiro alimento que o homem necessita para ser pessoa humana. É o alimento que dá ao homem a vida verdadeira, a vida eterna. O presépio se converte desse modo em uma referência à mesa de Deus, à qual o homem está convidado para receber o pão de Deus. Na pobreza do nascimento de Jesus se perfila a grande realidade na qual se cumpre de maneira misteriosa a redenção dos homens.²⁴

De meados do século VI é a cátedra ebúrnea de Maximiano(fig. 9.1)²⁵, atualmente conservada em Ravena. Um de seus painéis frontais corrobora a teologia agostiniana, mostrando que o lugar onde repousa

23. Maria Isabel Roque (2013, p.110) assinala a constituição desse significado também em certo momento da arte medieval no Ocidente: "Na arte francesa do século XII, que se difunde depois por toda a Europa, a manjedoura toma o aspecto de altar, numa prefiguração do sacrifício de Cristo, que confere o sentido extraordinário deste nascimento".

24. "[...] ahora yace en el pesebre quien se ha indicado a sí mismo como el verdadero pan bajado del cielo, como el verdadero alimento que el hombre necesita para ser persona humana. Es el alimento que da al hombre la vida verdadera, la vida eterna. El pesebre se convierte de este modo en una referencia a la mesa de Dios, a la que el hombre está invitado para recibir el pan de Dios. En la pobreza del nacimiento de Jesús se perfila la gran realidad en la que se cumple de manera misteriosa la redención de los hombres".

25. Disponível em: <<http://www.hotelsravenna.it/ing/articoli/2305/>>. Acesso em: 20 dez. 2013.

o menino Jesus é um altar. Essa identificação atrela ainda mais intimamente o Natal à Páscoa, particularmente, à narrativa da Paixão que antecede as comemorações pascalinas.

O altar, em torno do qual a Igreja está reunida na celebração da Eucaristia, representa os dois aspectos de um mesmo mistério: o altar do sacrifício e a mesa do Senhor, e isto tanto mais porque o altar cristão é o símbolo do próprio Cristo, presente no meio da assembléia de seus fiéis, ao mesmo tempo como vítima oferecida por nossa reconciliação e como alimento celeste que se dá a nós. “Com efeito, que é o altar de Cristo senão a imagem do Corpo de Cristo?” – diz Sto. Ambrósio; e alhures: “O altar representa o Corpo [de Cristo], e o Corpo de Cristo está sobre o altar” (CATECISMO..., 1999, §1383).



Fig. 9.1



Fig. 9.2

Produzimos um recorte (fig. 9.2) no detalhe frontal do trono episcopal de Maximiano, para se ver com nitidez o boi e o jumento representados. É interessante observar a profundidade teológica dessa iconografia, forjada para suprir uma lacunadeixada pelos evangelistas. De fato, como aponta Ratzinger (2012, p.44)²⁶, se Mateus (Mt 2,11) e Lucas (Lc 2,7)

26. “En la singular conexión entre *Isaías* 1,3, *Habacuc* 3,2, *Éxodo* 25,18-20 y el pesebre, aparecen por tanto los dos animales como una representación de la humanidad, de por sí desprovista de entendimiento, pero que ante el Niño, ante la humilde aparición de Dios en el establo, llega al conocimiento y, en la pobreza de este nacimiento, recibe la epifanía, que ahora enseña a todos a ver”.

não mencionam animais, a manjedoura ao menos sugere um ambiente minimamente habitado, vindo a meditação da fé encontrar ressonâncias no intercruzamento de três passagens veterotestamentárias: Isaías 1,3, Habacuc 3,2 e Êxodo 25,18-20.²⁷

A reconstituição do presépio de Belém com boi e jumento é uma criação apócrifa (não bíblica) da natividade: “Três dias depois de nascer o Senhor, saiu Maria da gruta e se repousou em um estábulo. Ali reclinou a criança em um presépio, e o boi e o asno o adoraram” (Pseudo-MateusXIV,7. Tradução livre).²⁸

A presença desses animais não responde por uma retratação histórica do evento, mas apenas simbólica: constitui a humanidade formada por judeus e gentios. “A iconografia cristã captou muito cedo este motivo. Nenhuma representação do nascimento renunciará ao boi e ao jumento” (RATZINGER, 2012, p.44-45. Tradução livre)²⁹, como já acontecia no século IV, a exemplo do sarcófago de Estilicão³⁰, na basílica de santo Ambrósio de Milão (fig. 10.1).³¹

27. “O boi conhece o seu amo, e o asno a manjedoura do seu dono; Israel não conhece, meu povo não entende” (Is 1,3); “Senhor, ouvi falar de tua fama: Senhor, vi tua ação! No meio dos anos realiza-a, no meio dos anos manifesta-a, na ira lembra-te da compaixão” (Hab 3,2); “Em seus dois extremos farás dois querubins cinzelados em ouro [...] Estarão um diante do outro, olhando para o centro da placa” (Ex 25,18.20b).

28. “Trés días después de nacer el Señor, salió María de la gruta y se aposentó en un establo. Allí reclinó al niño en un pesebre, y el buey y el asno le adoraron” (Evangelio del Pseudo Mateo XIV,7).

29. “La iconografía cristiana ha captado ya muy pronto este motivo. Ninguna representación del nacimiento renunciará al buey y al asno”.

30. Esse modelo de presépio, tendo o boi e o jumento como elementos fixos, também aparece no “hipogeu de Santa Maria *in Stalle* em Valpantena, nos arredores de Verona”, e no “sarcófago de BovilleErnica, próximo de Frosinone”, ambos do quarto século (EM DEFESA do boi e do jumento: a representação artística da cena da Natividade no século IV. *L'Osservatore Romano*, 23 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.osservatoreromano.va/pt/news/em-defesa-do-boi-e-do-jumento#.U9QJNqN0zIW>>. Acesso em: 2 jan. 2014).

31. Disponível em: <http://commons.wikimedia.org/wiki/File:9822_-_Milano_-_Sant'Ambrogio_-_Sarcofago_di_Stilicone_-_Foto_Giovanni_Dall'Orto_25-Apr-2007.jpg>. Acesso em: 4 jan. 2014.



Fig. 10.1



Fig. 10.2

O asno (burro, jumento) carrega significados até mesmo opostos, positivos (Gn 49,14; Zc 9,9; Lc 19,30) e negativos. Notadamente, está relacionado com a indecência e com os pagãos (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2013, p.27), desqualificado para o sacrifício ritual por ser considerado impuro pela Lei (Ex 13,13; Lv 11,3). Na realidade, seus laços com o dono é um modelo que antagoniza a incompreensão de Israel para com Deus (Is 1,3; Nm 22).³²

Já o boi – e suas variações (búfalo, touro, bezerro, novilho) – é uma das vítimas favoritas de sacrifícios sagrados (DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS, 2013, p.37). Tal importância nas religiões pagãs possivelmente acometeu Israel para um ato de idolatria (Ex 32). Era um animal indispensável nas tarefas agrícolas (Dt 22,10; 25,4) e a principal oferenda em certas ocasiões (Lv 4,3; 13,14; 16; 22,27; Nm7; 29; 1Cr 29,21): foi a aspersion purificadora de seu sangue substituída pela oferta mais adequada e definitiva de Cristo (Hb 9,12-14).³³

Toda essa simbologia apela incisivamente para um *sentido eclesial*: assim como ao redor da manjedoura se encontram o boi e o jumento, é a Igreja que composta por judeus e gentios (At 10,44-48; Ef 3,2-6) cultua o memorial do sacrifício de Cristo, sumo sacerdote da nova e eterna aliança em seu sangue (Hb 5,1-10; 8,1-6; 9,11-14). Vê-se mais uma vez como os elementos pascaís se hibridam numa típica imagem natalina.

32. Consulta à Biblioteca on-line da “Torre de Vigia”. Disponível em: <<http://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1200000440>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

33. Consulta à Biblioteca on-line da “Torre de Vigia”. Disponível em: <<http://wol.jw.org/pt/wol/d/r5/lp-t/1200000838?q=boi&p=par>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

O último ponto que desejamos sublinhar para justificar nossa expressão “Natal da ressurreição” se concentra nas *faixas* que encobrem o menino Jesus: “A criança envolta e bem cingida em panos aparece como uma referência antecipada da hora de sua morte” (RATZINGER, 2012, p.43-44. Tradução livre).³⁴

As faixas são destacadas pelos dois testemunhos arqueológicos acima (figs. 9.2 e 10.2). Mas foi buscando quiçá uma leitura endereçada ao ideal de pureza edênica original ou de uma inocência paradisíaca que a arte pictórica no século XIV em diante começou a retratar o menino Jesus nu³⁵. Isso se vê em telas como a do alemão Conrad Soest (1370-1422) (fig. 11), do holandês Geertgen tot Sint Jans (1460-1490) (fig. 12), do belga Petrus Christus (1410-1473) (fig. 13) e muitos outros.



Fig. 11



Fig. 12

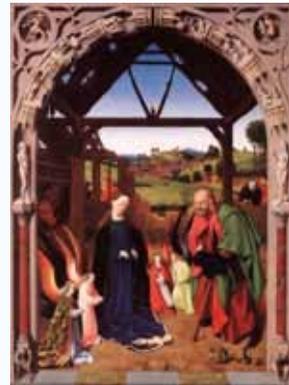


Fig. 13

A obra renascentista aderiu ao mesmo conceito, como demonstrado no trabalho dos italianos Sandro Botticelli (1445-1510), florentino (fig. 14),

34. “El niño envuelto y bien ceñido en pañales aparece como una referencia anticipada a la hora de su muerte”.

35. Maria Isabel Roque (2013, p.111) localiza essa importante mudança no final do período Gótico: “influência da crescente humanização do Gótico final e dos temas da Virgem da Ternura e da Virgem do Leite, adquire uma atitude mais maternal em relação ao Filho, pondo-o ao colo ou amamentando-o. O Menino, embora continue a representar-se enfaixado, começa a surgir nu ou coberto por um lençolinho. Esta representação manteve-se ao longo da Idade Média, sendo suplantada, no século XV, pelo tema da Adoração”, em função do relato de santa Brígida da Suécia (p.115-116), ou antes, do pensamento teomariológico de são Bernardo de Claraval, do século XII (p.117-118).

Lorenzo Costa (1460-1535), de Ferrara (fig. 15), e Ambrogio Borgognone (1470-1523/1524), da escola milanesa (fig. 16).



Fig. 14



Fig. 15



Fig. 16

Em todas essas obras, vemos o menino despido. Ainda nesse aspecto, outros exemplos pontificam o gótico tardio, dos holandeses Hieronymus Bosch (1450-1516) (fig. 17) e Gerard David (1460-1523) (fig. 18), ao maneirismo de Maarten de Vos (1532-1603) (fig. 19) e ao barroco de Caravaggio (1571-1610) (fig. 20).



Fig. 17



Fig. 18



Fig. 19



Fig. 20

O Quarto Evangelho é o que mais valoriza as *othónia* (faixas, lençóis) como prova indireta de uma ressurreição radicalmente distinta à de Lázaro (Jo 20,5; 11,44). Mas em Lucas, essa correspondência é projetada para a natividade: o principal vestígio do evento trans-histórico (CATECISMO..., 1999, §639) é o túmulo vazio (Lc 24,2-3); todavia basta cotejar os versículos de Lc 2,7 e Lc23,53 para se notar o quanto as faixas identificam sutilmente o recém-nascido ao corpo desfalecido retirado da cruz.

Por que esse liame, que são as faixas, tão útil para arquitetar o Natal com impressões pascais, foi subtraído para trazer à natividade o código de um momento cândido e singelo?³⁶

Gostaríamos de excetuar dois trabalhos onde não se abre mão da descrição bíblica, enfatizando por conseguinte o objeto de nosso estudo. No primeiro deles, do pintor inglês Arthur Hughes (1832-1915), a faixa parece veicular a postura da donzela a um fervoroso ato de adoração

36. Uma resposta pode ser esboçada na ruptura com as representações bizantinas. Se “no mundo bizantino, o tema da Natividade fixou-se como um parto humano comum, sem interferências extraordinárias que confirmassem o seu teor divino” (ROQUE, 2013, p.109), na arte medieval do século XIV, “o parto, isento de sofrimento físico nem cansaço, é um acontecimento extraordinário, que contraria o castigo que recaiu sobre Eva e a sua descendência após a consumação do pecado original: “os teus filhos não-de nascer entre dores” (Gn 3,16). A Natividade constitui um mistério teofânico, vivido na intimidade das pessoas divinas, e que só é revelado à humanidade depois de acontecer” (ROQUE, 2013, p.113).

(fig. 21); ao contrário de um recolhimento ao leito, estar ajoelhada não conota fadiga, e sim um temor reverencial, condizente a quem estivesse por ouvir as palavras de Jesus a caminho do Calvário: “[...] Felizes as estéreis, as entranhas que não conceberam e os seios que não amamentaram!” (Lc 23,29).

De igual modo, para o francês Georges de La Tour (1593-1652), é indiscriminável se o *infant*, envolto em faixas, esteja vivo ou morto, e se os que o rodeiam estejam reunidos para seus primeiros cuidados ou seu funeral (fig. 22).



Fig. 21



Fig. 22

Conclusão

A essencial aproximação simbólico-espiritual do Natal com a Páscoa veda todas aquelas conotações de magia e romantismo que se aglutinaram no decorrer dos séculos sobre essa festa. A ocasião litúrgica recupera uma oportunidade de se reeditar a celebração dos mistérios da Morte e Ressurreição do Salvador em plena linguagem natalina.

Visitamos vários indícios que apoiam a tese de uma orgânica relação litúrgico-espiritual entre o Natal e a Ressurreição. A eucologia dos textos bíblicos selecionados para as celebrações durante a oitava, a constituição histórica do Natal no calendário cristão, a analogia da luz,

a perspectiva da majestade maternal e filial, o lugar teológico do nascimento, a apuração do presente dos magos, a formulação em torno do boi e do jumento e a conjectura das faixas demonstram que o Natal não é o aniversário de Jesus, mas a celebração de sua Páscoa pela especial ocasião de sua Encarnação.

“A festa da Páscoa, de um lado, e as do Natal e da Epifania, de outro, foram desde a Antiguidade cristã os dois pólos do desenrolar do ano litúrgico” (GY, 2004a, p.139). Resulta empobrecedora a concepção de uma festa natalina que subtraia os matizes pascais em favor do nascimento virginal do menino. Como assegura Martín (2006, p.321): “as festas e os tempos litúrgicos não são ‘aniversários’ dos fatos da vida histórica de Jesus, mas ‘presença *in mysterio*’ [...]”.

Poderíamos afirmar sem hesitar por imprecisão: o Natal é a Páscoa do Senhor celebrada a propósito de sua Encarnação. Na Igreja, tudo é Páscoa; tudo, na Igreja, está irradiado pela aurora da luz pascal, desde o jubiloso *Gloria* da celebração do Sábado Santo, passando pelo *Te Deum* das grandiosas solenidades, até os exercícios de jejum e mortificação quaresmais, praticados pelas almas mais anelantes de perfeição.

“Os fatos e palavras realizados por Cristo em sua existência terrena não se reproduzem mais, mas enquanto ações do Verbo encarnado são acontecimentos salvíficos (*kairoí*) atuais e eficazes para aqueles que o celebram” (MARTÍN, 2006, p.321). Era o que evocava o papa são Leão Magno (século V) ao iniciar o *Sermão 1*, querendo indicar a atualidade deste momento redentor: “Hoje, amados filhos, nasceu o nosso Salvador. Alegremo-nos. Não pode haver tristeza no dia em que nasce a vida; uma vida que, dissipando o temor da morte, enche-nos de alegria com a promessa da eternidade” (apud LITURGIA DAS HORAS, 1994, p.362).

Referências

ALAND, K. *Synopsis quattuorevangeliorum: locis parallelis evangeliorum apocryphorum et patrum adhibitis edidit*. 14.ed. Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft, 1995..

- BÍBLIA. Grego. O Novo Testamento grego. 4.ed. rev. Stuttgart, Germany: Deutsche Bibelgesellschaft; São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2009.
- _____. Grego-Português. Novo Testamento interlinear grego-português. Tradução de Vilson Scholz. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2004.
- _____. Português. Bíblia de Jerusalém. GORGULHO, G. da S.; STORNIOLO, I.; ANDERSON, A. F. (Coord.). São Paulo: Paulus, 2006.
- _____. Português. Bíblia do peregrino. SCHÖKEL, L. A. (Coord.). 3.ed. Tradução de Ivo Storniolo e José Bortolini. São Paulo: Paulus, 2011.
- _____. Português. Bíblia Sagrada – tradução da CNBB. 8.ed. São Paulo: Canção Nova, 2008.
- _____. Português. Bíblia – Tradução Ecumênica (TEB). GALACHE, G. C. (Dir.). 5.ed. São Paulo: Loyola, 1997.
- CANTALAMESSA, R. Páscoa. In: LACOSTE, J.-Y. (Dir.). Dicionário crítico de Teologia. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004. p.1348-1352.
- CATECISMO da Igreja Católica. 9.ed. Petrópolis: Vozes; São Paulo: Loyola; Paulinas; Ave-Maria; Paulus, 1999.
- DANIÉLOU, J. Os evangelhos da infância. Petrópolis: Vozes, 1969.
- DENZINGER, H.; HÜNERMANN, P. Compêndio dos símbolos: definições e declarações de fé e moral. Tradução de José Marino e Johan Konings. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2007. (bilíngue).
- DICIONÁRIO DE SÍMBOLOS: HerderLexikon. 15.ed. São Paulo: Cultrix, 2013.
- EM DEFESA do boi e do jumento: a representação artística da cena da Natividade no século IV. *L'Osservatore Romano*, 23 dez. 2012. Disponível em: <<http://www.osservatoreromano.va/pt/news/em-defesa-do-boi-e-do-jumento#.U9QJNqN0zIW>>. Acesso em: 2 jan. 2014
- GY, P.-M. Ano litúrgico. In: LACOSTE, J.-Y. (Dir.). Dicionário crítico de Teologia. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004a. p.138-140.
- _____. Domingo. In: LACOSTE, J.-Y. (Dir.). Dicionário crítico de Teologia. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2004b. p.579-580.
- KONINGS, J. Sinopse dos Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas e da “Fonte Q”. São Paulo: Loyola, 2005. (Bíblica Loyola, 45).
- LITURGIA DAS HORAS: Tempo do Advento e do Natal. Petrópolis: Vozes, 1994. v. 1.
- MARTÍN, J. L.A liturgia da Igreja: teologia, história, espiritualidade e pastoral. São Paulo: Paulinas, 2006.
- MEIER, J. P. Um judeu marginal: repensando o Jesus histórico. Rio de Janeiro:

- Imago, 2003. v. 3, liv. 1. (Bereshit).
- MISSAL ROMANO. São Paulo: Paulinas, 1992.
- OTERO, A. de S. (Org.). Los Evangelios Apócrifos: edición crítica y bilingüe. Madrid, España: BAC, 2006. p.171-236.
- RATZINGER, J. (BENEDICTO XVI). La infancia de Jesús. Barcelona, España: Editorial Planeta, 2012. Disponível em: <<http://www.soysalesianocooperador.org/wp-content/uploads/downloads/2013/07/La+infancia+de+Jesus+-+Benedicto+XVI1.pdf>>. Acesso em: 25 dez. 2013.
- RIENECKER, F.; ROGERS, C. Chave linguística do Novo Testamento grego. Tradução de Gordon Chown e Júlio Paulo T. Zabatiero. São Paulo: Vida Nova, 1995.
- ROQUE, M. I. O Menino de Belém: da festa do Natal à iconografia da Natividade e da Adoração. GaudiumSciendi, Lisboa, n. 5, p.104-126, dez. 2013. Disponível em: <http://www.ucp.pt/site/resources/documents/SCUCP/GaudiumSciendi/Revista_Gaudium_Sciendi_N5/12%20%20MIR_natal-iconografia-natividade%2019%20DEZ.pdf>. Acesso em: 23 maio 2014.
- SARTORE, D.; TRIACCA, A. M. (Orgs.). Dicionário de Liturgia. São Paulo: Paulus, 1992. p.781-787.